

AS ORAÇÕES DO MISSAL ROMANO EM TEMPOS DE CALAMIDADES

*Ms. Dom Aloísio Alberto Dilli**

DOI: <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i129.11>
Recebido: 18 de fevereiro de 2019 | Aprovado: 07 de maio de 2019

Resumo: Caros leitores. Foi-nos solicitado um artigo, dentro do contexto da pandemia da covid-19, sobre o sentido das orações do Missal Romano, ligadas às calamidades, e se elas continuarão no novo missal (3ª edição pós-conciliar), que todos aguardamos. Tentando contribuir para esta reflexão, inicialmente pretendemos analisar alguns desafios que o tempo da pandemia nos coloca e que esperamos por respostas criativas e sábias em vista da vivência de nossa fé e sua expressão na liturgia oficial e em outras formas de encontro com o Senhor e os irmãos, sobretudo em tempos de exceção. A seguir, dedicaremos atenção aos textos propostos pela Igreja *em tempo de guerra ou calamidade*, sem deixar de analisar o novo texto emitido, recentemente, pela Santa Sé: *Missa em Tempo de Pandemia*. Também apresentaremos algumas linhas sobre a preparação do *Novo Missal Romano* e, finalmente, partilhamos uma oração pessoal que foi composta durante a pandemia.

Palavras-chave: Novo Missal Romano. Liturgia. Missa em tempos de pandemia. Oração.

1 Desafios à liturgia em tempos de pandemia

A experiência de reclusão em nossas casas, diante da presença do Coronavírus Covid-19, desafiou-nos a descobrir novas maneiras de convivência humana, em muitos aspectos da vida, como aconteceu com as celebrações comunitárias em nossos templos. As dificuldades de nos reunirmos nas igrejas fez valorizar mais a presença do Senhor entre nós por outras formas

* Bispo da Diocese de Santa Cruz do Sul/RS. Mestre em Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma. Membro da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (Cetel) da CNBB. Bispo referencial da Liturgia da CNBB Sul 3. Email: d.aloisio@yahoo.com.br

e expressões, especialmente, quando nos reunimos em seu amor, como pequenos grupos orantes: “*Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali eu estarei, no meio deles*” (Mt 18,20). Sempre é tão confortante, quando professamos: “*Ele está no meio de nós!*”. Essa realidade torna-se também viva quando oramos em nossas casas, em contexto familiar, como Igreja doméstica.

Começamos também a perceber mais a presença do Senhor na caridade com os irmãos, sobretudo os mais necessitados: “*Todas as vezes que fizestes isso a um destes pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes*” (Mt 25,40). Na mesma linha foi o pedido do Papa Francisco: “*A hóstia consagrada contém a pessoa de Cristo. Por isso somos chamados a buscá-la diante do tabernáculo na igreja, mas também naquele tabernáculo que são os últimos, os sofredores, as pessoas sós e pobres. Foi o próprio Jesus quem o disse*”. Assim damos conta que as mãos que elevamos ao alto, em oração, devem ser as mesmas que se estendem aos irmãos em necessidade; isso nos faz perceber que o serviço da caridade é inerente ao nosso ser cristão e não uma questão opcional. Em tempos de pandemia a carência de muitos irmãos aflora com mais evidência, fazendo, por exemplo, que os tapetes mais lindos de *Corpus Christi* se tornem os cobertores e agasalhos a serem doados para quem passa frio; da mesma forma, os alimentos para os que estão em situação de fome, os produtos de higiene aos que não os possuem, etc.

Entre os meios privilegiados de encontro com o Senhor, a Palavra de Deus deve receber destaque particular, pois é Deus mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja (Cf. SC 7), tornando a Palavra viva, eficaz e eterna (Cf. Is 55,10-11; Hb 4,12; 1Pd 1,23). Emerge, portanto, a importância das celebrações da Palavra de Deus, seja em nossas famílias como em pequenas comunidades ou grupos.

Dentro do atual contexto, muitos que estavam habituados a rezar praticamente apenas através da celebração eucarística

entraram numa certa crise, com o decretado fechar as portas de nossos templos, o que pode revelar o grande valor que se dá à celebração da missa, tornando-se assim um dado a ser apreciado, mas pode também externar um sintoma de que não conseguimos *encontrar o Senhor* em tantas outras formas celebrativas e orantes de nossa vida cristã, dentro e fora dos templos. Talvez nos habituamos demais à eficácia dos ritos em si mesmos (ritualismo) e confiamos no seu efeito “*ex opere operato*” (efeito por si mesmo), tão típico da pré-reforma litúrgica do Vaticano II, quando bastava mais assistir os ritos que participar plena e ativamente dos mesmos (SC 11, 14, 21...).

Em nossos templos, mesmo de portas fechadas, em boa parte do presente Ano Litúrgico, celebramos a Liturgia oficial, inclusive os mistérios da Semana Santa, em forma mais privativa, mas tentamos fazer também a experiência da fé e do espírito de comunhão, rezando *com e pelo* Povo de Deus, em tempos de exceção. Faz bem recordar neste momento o que rezamos na apresentação das oferendas, em nossas celebrações eucarísticas: “*Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício, para a glória do seu nome, para o nosso bem e de toda santa Igreja*” (O destaque é nosso).

Muitos fiéis nos acompanharam e acompanham pelos diversos meios de comunicação, usados com mais ou menos criatividade e riqueza de simbolismo, seja nos templos quanto nas casas; sem ignorar que também apareceram eventuais extravagâncias midiáticas que, em vez de ajudar, prejudicam a Liturgia da Igreja.

Diante do fenômeno do coronavírus, fomos desafiados a dar respostas celebrativas, mesmo que o distanciamento físico afetasse aspectos essenciais de nossa Liturgia, sobretudo a participação comunitária. A experiência atual nos coloca uma importante pergunta: - Uma celebração assistida na TV ou pelas Redes Sociais tem o mesmo valor que a participação presencial num ato litúrgico na comunidade ou mesmo nas

celebrações da Palavra em nossas casas? Creio que nossa resposta deve iniciar dizendo que todas as formas podem ser importantes e certamente têm seu valor; mas, ao mesmo tempo, não podemos afirmar que *“tudo é a mesma coisa”*. Há graus de participação que são diferentes e conseqüentemente também de valor.

Primeiro grau: Esta forma está mais ligada ao *assistir* uma celebração por TV, Redes sociais ou *ouvir* pela rádio. O *assistente* ou *ouvinte* normalmente não se sente diretamente envolvido e comprometido com o ato litúrgico, pois sua participação não é tão ativa e plena por não estar presente com os outros. Não se nega com isso que esta forma também possa trazer frutos espirituais (meditação, oração, comunhão espiritual, catequese...), sobretudo em épocas de exceção.

Segundo grau: São as formas que recuperam o valor da oração em comum, realizada na casa (em família), de modo especial ao redor da Palavra de Deus. Certamente vale mais *celebrar*, mesmo se em grupo reduzido, como Igreja doméstica, do que simplesmente assistir ou ouvir celebrações. Aqui se destaca a importância dos subsídios em diversos níveis, que valorizam a Bíblia (Leitura Orante). O Papa Francisco também recomenda vivamente a oração do Terço em família.

Terceiro grau: Esta é a forma celebrativa normal e mais valiosa, pois ela acontece na comunidade-Igreja, à qual as pessoas estão ligadas pelo batismo. É o encontro presencial com Deus e com os irmãos. É o lugar da comunhão e participação mais plena. Ali os cristãos alimentam sua fé, sua comunhão com a Igreja e com Deus: *“Não esqueçamos que a vida cristã se faz com pessoas reais, presentes fisicamente, ocupando um espaço que é sagrado pela presença do humano e do divino”* (Pe. Ari A. dos Reis).

Atualmente não podemos rezar plenamente na comunidade. É tempo de exceção; não porque os padres ou os bispos *“nos tiraram a eucaristia”*, mas fazemos o que é possível, mesmo não sendo o ideal para os cristãos, pois neste momento temos que

olhar para a defesa da vida – dom e compromisso (Campanha da Fraternidade 2020). Estamos todos conscientes que o normal e o mais pleno é celebrar com a comunidade. Por isso, ao passar a pandemia, voltaremos com saudade para nossas comunidades. É nelas que nos alimentamos com o Pão da Palavra e da Eucaristia.

2 O Novo Missal Romano

Antes de falar diretamente sobre as missas em várias necessidades, como de pandemia e outras, convém apresentar algumas informações sobre o chamado *Novo Missal Romano*. Como membro (a partir de 2011) da equipe da CETEL (Comissão Episcopal dos Textos Litúrgicos) podemos informar que nossa tarefa tem o seguinte objetivo geral: apresentar para a Igreja do Brasil uma tradução que seja o mais possível fiel ao texto original latino, proveniente da Santa Sé (Editio Typica), tornando-se a fonte das celebrações litúrgicas; seja compreensível para os fiéis nas diversas regiões de nosso extenso país; e tenha linguagem leve, fluente e poética para ser rezada e cantada. O grande desafio, portanto, é manter equilíbrio entre a fidelidade ao texto latino e uma linguagem mais próxima da compreensão do povo. Este trabalho está em fase conclusiva, aguardando aprovação final da CNBB na próxima Assembleia Geral, em 2021, adiada por causa da pandemia. Depois o texto vai a Roma e aguardará a aprovação final da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, segundo as novas orientações da Carta Apostólica *Magnum Principium* do Papa Francisco; para depois ser editado pela CNBB, no Brasil.

Em tempos de novo missal, é importante termos diante de nós uma pequena síntese histórica do Missal de Paulo VI: com a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II surgiu a *primeira edição* do chamado *Missal de Paulo VI*, em 1970. O mesmo sofreu adaptações na edição latina, em 1975 (*segunda edição do Missal de Paulo VI*), sendo traduzido e emitido no

Brasil, em 1992, o qual ainda está em uso, atualmente. Portanto, hoje estamos falando da *terceira edição do Missal de Paulo VI*, solicitada ainda por João Paulo II (*Liturgiam Authenticam*) para todas as Conferências, em 28.03.2001, e cuja tradução iniciou no Brasil, somente em 2008.

A nova edição que todos aguardamos continua basicamente com o mesmo estilo das anteriores, contudo, há nova tradução com os critérios acima apontados. O trabalho maior e mais demorado consistiu na tradução dos mais de três mil textos latinos, frase por frase, tentando respeitar a unidade da Liturgia Romana, onde está a base, a fonte de nossa fé cristã (*lex orandi – lex credendi – lux operandi*). Foram acrescentados também os textos dos novos santos/as inscritos no calendário litúrgico, além de outros acréscimos e enriquecimentos.

3 Missas por várias necessidades e em tempos de pandemia

Entre as *missas por várias necessidades*, comentaremos primeiramente a que é proposta *em tempo de guerra ou calamidade*, a qual já consta em nosso missal atual (2ª edição) e que aparece novamente na 3ª edição que estamos aguardando, com alguma mudança de tradução, mas não do conteúdo fundamental.

A atual situação do coronavírus covid-19, diante de muitos pedidos em toda Igreja, fez surgir uma nova proposta de Missa, mais adequada *em tempo de pandemia*, a qual também comentaremos abaixo e que deverá constar no novo missal.

3.1 Em Tempo de Guerra ou Calamidade¹

Nosso missal atual não contém uma missa específica para

1 Missa *pelo Bem Público*, missal atual - da 2ª edição no Brasil, n.23.

tempos de pandemia; apenas em sentido geral de calamidade, mais ligada à situação de guerra, invocando a paz e a concórdia. Mesmo assim, fazemos rápido comentário aos seus textos.

A primeira *antífona de entrada* apresenta texto de Jeremias (Jr 29,11.12.14) que revela um Deus que deseja a paz, que liberta da aflição e tira do cativeiro; a segunda *antífona de entrada* revela um Deus que escuta o clamor dos que suplicam, em meio aos terrores que os cercam.

As duas orações da *coleta*, a oração *sobre as oferendas* e a oração *depois da comunhão* falam, sobretudo, da realidade da guerra e do conseqüente ódio e sofrimento, em meio aos quais é suplicada a Deus a graça da paz, da justiça e do amor, reflexos da identidade divina e dos verdadeiros cristãos. Deus é invocado como autor e amigo da paz ou a própria paz.

3.2 Missa em Tempo de Pandemia

A presença do coronavírus covid-19, que assola o planeta, fez com que surgissem insistentes solicitações para que houvesse uma missa específica, durante este tempo, para implorar a Deus o fim da pandemia. A resposta da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos veio através do Prot. N. 156/20 (30/03/2020), que propõe as orações para uma *Missa em tempo de pandemia* (a tradução portuguesa dos textos veio da Santa Sé).

Na apresentação do decreto encontramos a seguinte frase do salmista: “*Não terás medo da epidemia que se alastra na escuridão*” (cf. Sl 90,5-6). Esta palavra bíblica convida para uma grande confiança no amor fiel de Deus que não abandona seu povo em tempos de provação, como da pandemia. Essa é a teologia que perpassa os textos litúrgicos da temática presente. Diante da apreensão, da insegurança e do medo humano desponta a confiança em Deus que é fiel e que acompanha seu povo.

A *antífona de entrada* cita Isaías (Is 53,4), fazendo referência ao exemplo de Jesus Cristo, o Servo de Javé, que tomou sobre si as nossas dores.

3.2.1 Oração coletiva

*“Deus eterno e onipotente,
nosso refúgio em todos os perigos,
olhai benignamente para as nossas aflições e angústias;
como filhos, com fé Vos pedimos:
concedei o eterno descanso aos que morreram,
conforto aos que choram,
cura aos doentes,
paz aos moribundos,
a força aos que trabalham na saúde,
a sabedoria aos nossos governantes
e a coragem para chegarmos amorosamente a todos
glorificando juntos o Vosso Santo Nome.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
Que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo”.*

Esta é a *oração coletiva*, que contém a parte mais significativa do conteúdo dessa missa, a qual reconhece Deus como nosso refúgio em todos os perigos. A prece de filhos externa esta confiança na sua benignidade, em meio às aflições, com diversas preces: pelo descanso eterno dos que morreram, pelos que choram, pela cura dos doentes, pela paz dos que estão na agonia da morte, pelos que cuidam da saúde, pela sabedoria dos governantes, e a coragem de encontrar-nos com todos para glorificar juntos o seu Santo Nome.

A *oração sobre as oferendas* pede que Deus receba os dons apresentados na tribulação e os transforme com a força de seu poder em fonte de consolação e de paz. A *antífona da comunhão*

traz presente Mt 11,28: “*Vinde a mim, todos os que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso*”. A oração depois da comunhão apresenta a eucaristia como remédio da vida eterna, que conduz à glória celeste.

3.2.2 Liturgia da Palavra

Primeira Leitura: Rm 8,31b-39

Salmo Responsorial: Sl 122,1-2

Aclamação ao Evangelho: 2Cor 1,3b-4^a

Evangelho: Mc 4,35-41

4 Oração em tempos de pandemia²

Ó Deus, Pai de misericórdia.

Louvido sois por todas as criaturas, expressão de fraternidade universal. Sobretudo vos louvamos porque criastes o ser humano à vossa imagem e semelhança e não o abandonastes ao poder da morte em sua atitude infiel.

Somos profundamente agradecidos pela vinda de vosso Filho Jesus Cristo, que nasceu entre nós e mereceu-nos novo sentido para a vida, recriando-nos com uma dignidade sem par, que nos tornou filhos e herdeiros, vocacionados a participar de vossa vida divina. Pela sua vida, cruz e ressurreição fomos salvos. Até nossas dores e angústias, pandemias e a própria morte foram iluminadas pela esperança de vitória e pelo dom da vida nova e eterna.

Redimidos por vosso Filho e iluminados pelo Espírito Santo, fazei que a experiência da pandemia nos ensine a retomar o sentido e os valores mais profundos de nossa vida: a filiação divina e a relação fraterna, que o mundo sempre mais está ignorando.

Pai de misericórdia, experimentamos neste tempo de quarentena o quanto somos dependentes de vós e da solidariedade dos outros,

² Composta em 02/04/2020.

nossos irmãos e irmãs. Fortificai nossa fé na vossa constante presença samaritana, consolai os que mais sofrem e abençoai os que se doam pela saúde corporal e espiritual dos outros.

Ó Deus, Pai de misericórdia, finalmente vos pedimos que surjam novos valores na vida do planeta – nossa casa comum – para substituir a visão egoísta que endeusa o poder de mercado, o consumismo insaciável e o bem-estar como objetivo último da vida. Que desponham sábias lideranças mundiais em meio à crise, também em nossas famílias, comunidades e na sociedade em que convivemos, para suscitar valores que respeitem a dignidade da vida, que promovam a justiça, a paz, a fraternidade e tantos outros que emergem do Evangelho, onde vosso Filho ensina: “Um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos” (Mt 23,8b). Pelo mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA*. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2014, 7ªed. In: *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*, p.33-79.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Magnum Principium*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2007.
- MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 1992, 2ªed.